

PESQUISA - FCBA

**ESTUDO DA RESPOSTA IMUNE HUMORAL CONTRA SARS-COV-2 EM  
INDÍGENAS ASSINTOMÁTICOS**

*Emily Vitória De Oliveira Perez (emily.perez045@academico.ufgd.edu.br)*

*Laís Felix De Oliveira (laisoliveira@gmail.com)*

*Gleyce Hellen De Almeida De Souza (Gleycesouza@gmail.com)*

*Silvana Beutinger Marchioro (silvanamarchioro@gmail.com)*

*Alex José Leite Torres (alextorres@gmail.com)*

*Simone Simionatto (simonesimionatto@ufgd.edu.br)*

A compreensão das respostas imunológicas à vacina CoronaVac em populações indígenas brasileiras é essencial devido às especificidades étnicas, culturais e socioeconômicas que podem influenciar a eficácia vacinal. A imunização deste grupo com a CoronaVac desempenha um papel relevante na estratégia nacional de vacinação contra a COVID-19, dada a necessidade de abordar os desafios específicos dessas comunidades, que envolvem fatores socioculturais, práticas tradicionais e vulnerabilidades econômicas. Este estudo avaliou a resposta imune humoral e celular à CoronaVac (Sinovac Biotech Life Sciences, 2021 NCT05225285, Pequim, China), em indígenas de Dourados-MS, contribuindo para um entendimento da imunidade gerada nesse grupo populacional. Neste estudo, foi determinada a prevalência de anticorpos contra o SARS-CoV-2 em indígenas assintomáticos através de testes rápidos. Além disso, foram identificados os isotipos de imunoglobulinas em pacientes com

sorologia positiva realizada a soroprevalência de anticorpos utilizando o Enzyme Linked Immunosorbent Assay (ELISA). A eficiência de dois métodos sorológicos na detecção desses anticorpos também foi comparada. O estudo de coorte prospectivo, foi conduzido com povos indígenas brasileiros entre fevereiro e junho de 2021. As análises das respostas imunológicas ocorreram antes da vacinação (T1) e 45 dias após a conclusão do esquema vacinal (T2). As amostras foram processadas para análise de células mononucleares do sangue periférico (PBMC) e para testes sorológicos, que detectaram anticorpos IgM e IgG, além do ELISA para medir anticorpos totais e específicos da proteína spike. Os dados demográficos foram coletados por meio de questionários. Foram incluídos 328 pacientes, inicialmente, dos quais 120 (36,6%) não apresentavam anticorpos contra SARS-CoV-2. Células PBMCs foram coletadas de 106 pacientes durante visitas de acompanhamento, 91 amostras foram analisadas por ensaio de imunofenotipagem para detectar a resposta de células T de memória específicas para SARS-CoV-2. Após a vacinação, observou-se um aumento nos níveis de células B de memória e linfócitos T Natural Killer. Entre os grupos, residentes da aldeia Bororó, mulheres e membros do grupo étnico Terena apresentaram níveis mais altos de anticorpos IgG anti-spike após a vacinação, enquanto usuários de álcool e tabaco apresentaram concentrações mais baixas. Os resultados ressaltam que a vacinação com a CoronaVac nessa comunidade indígena gerou respostas imunológicas, similares às relatadas em populações não indígenas, destacando a importância da administração de duas doses para assegurar uma resposta imunológica eficaz. Além disso, o estudo ressaltou a importância da vacinação para induzir respostas imunológicas eficazes nesse grupo populacional, destacando a necessidade de adaptações específicas para alcançar maior cobertura vacinal em comunidades indígenas.

**AGRADECIMENTOS:** Agradecemos ao CNPq, a UFGD e ao PIBIC pelo suporte financeiro e incentivo à pesquisa.

**Palavras-chave:** vacina; atividade imunológica; coronavac.